



*Connaissez tu si peu l'ingratitude humaine ?
 Quel rêve as tu donc fait de te tuer pour eux ?*

MUSSEY. A la Malibran.

AME INDOMPTABLE! chamou Musset à Malibran deplorando em soluços melodiosos, que ficaram longamente vibrando na alma das gerações a morte prematura da apaixonada e grande artista!

E hoje vendo em scena a Duse viver a intensa vida das heroínas dos seus dramas; exhaurir o coração em lagrimas, que chovem d'aquelles olhos profundos, d'aquelles olhos insondaveis, de uma tristeza immensa, de uma tristeza de tragedia; fremir toda de amor desde as pontas dos pés inquietos até a sua pallida, extranha e bella cabeça, que se curva ou se apruma em gestos de tão incomparavel nobreza, de tão doce e feminina humildade, de graça tão voluptuosa e subjugadora; crispas as mãos formosissimas de afusados e finos dedos, as mãos expressivas, que fallam, que escutam, que acariciam, que repellem e chamam e imploram; ferir com a bocca deliciosa, eloquente, mobil, rasgada, a extensa gamma de sentimentos que vae da ternura ao odio, do extase ao desdem; fallar com aquella voz doce e ferina, meiga e cruel, com aquella voz rouca da paixão que estrebuxa e que ruga, com aquella voz arrulhadora da pomba que se rende, com aquella voz ardente da vontade que se impõe; encher o theatro com os gestos rythmicos, esculpturaes — da esculptura moderna e atormentada de Rodin — do seu corpo de magra, felino, flexivel, desarticulado, ondulante, de uma electrica seducção e de uma energia mysteriosa; — vendo hoje em scena a Duse, quem se não lembrará das palavras que o Poeta dizia á grande actriz, que morreu tão cedo de muito amar, de muito viver essa Arte que a cada uma das outras Artes arranca uma flamma candente, e d'ellas todas compõe o seu rubro feixe de luz?!

Como é possivel não se gastar vivendo febrilmente de mil vidas febris?

É por isso, é por que a Duse é uma sensibilidade e uma alma, em harmoniosa e sobre-humana vibração, que, ao fim de cada noite em que representa, ella apparece no palco, — reclamada pelos applausos de um publico em delirio, — tão devastada e livida e dolorida, como que abandonada do Deus interior que ha pouco a transportava, como que morta para tudo que não seja uma infinita, uma vaga, uma impenetravel tristeza...

Que thesouros de fluido nervoso a Duse gasta em cada noite! Que quantidade enorme de vidas a Duse tem vivido na sua curta existencia mortal!...

A Duse

Bem dita! Bem dita!

ADUSE! Extranhas scintillações as d'este diamante!

A Duse! O que ha de musica e lagrimas, n'este nome tão pequenino!

A Duse! Vel-a em scena é um grande prazer da nossa vida! Está ali a mais alta lição de arte para nervosos cultores de almas.

No palco fascina-nos. Após, o nosso pensamento está ainda com ella, revendo, remembering, nos seus traços genialmente subtis, o prodigioso quadro sentimental de que ella foi auctora.

Crêem muitos no intellectual predominio do que chamamos *genio*. Sempre duvidei d'isto. A Duse é principalmente *uma força*, por que ella encerra em si a quinta-essencia da sensibilidade humana.

A Duse seria, pelo coração, uma martyr, se a natureza, assombrada e compadecida da sua propria obra, não deliberasse salvá-la, dando-lhe a faiscante aureola de artista, com que, não só nós, mas tambem ella, se arrebatada e enleva.

Quem poderá esquecer a Duse?

Com que amôr pensaremos n'ella sempre, nós, os melancolicos, os imaginativos, os nostalgicos!

Para mim ella ficará sempre sendo — aquella que, durante dias successivos, governou despoticamente e meigamente a vida do meu cerebro e do meu coração.

Bem dita! Bem dita seja a Duse!

Abril, 1898.

CAIEL.



QUANDO anciosamente se esperava em Lisboa a vinda da insigne artista *Eleonora Duse*, varias pessoas me perguntaram, qual a impressão que me ficára de quando em tempos a ouvi na America.

Invariavelmente respondia:

— Preparem-se para ouvir tudo quanto ha de assombroso e extraordinario, em arte, realçado por qualidades unicas e incomparaveis! Não vão ver representar, vão ver pedaços de vida.

Os applausos unanimes de todo um publico, formado pelo que ha de mais distincto e notavel, confirmaram a minha humilde, quanto prophetica opinião.

LUCINDA SIMÕES.

Á DUSE

(Após a representação da «Dama das Camélias»)

QUANDO ao tablado assoma e esparge o regio olhar a Duse impéra logo e faz-se respeitár.

Fala? ri? manda? pede? é sua voz um canto!

Faz-nos inveja o actor que abraça e acaricia.

Não sabemos de nós! damos-lhe o nosso pranto não vendo nella a actriz! tal é sua magia.

.....
A inveja era ciúme! a Duse faz-se amar.

Lisboa 18 de Abril de 1898.

THOMAZ RIBEIRO.



IMMORTAL!

CBERRIMO solo o da Italia, que a nenhum outro cede primasias na producção dos genios!

E comtudo a sua obra estava incompleta.

Nem a civilisação romana, nem o movimento assombroso da Renascença tinham dito a ultima palavra da arte de representar. Nem os tragicos antigos nem os jograes vagabundos, nem os comediantes palacianos, nem os mimicos populares deixaram nome que viesse de par, com os de outros genios, atravez dos seculos.

E' que a gloria dos authores sempre escureceu a dos interpretes. Para que se produzisse o facto unico, que ora applaudimos, tornou-se necessario que o *interprete* se fizesse *creator*; que se convertesse n'um foco de receptividade, onde viesse incidir, e ahi deixasse a impressão inalteravel, uma faisca emanada dos *Primitivos*, ingenuos e banhados de effluvios divinos como Donatello, Fra Angelico, Gioto ou o Perugino; de poetas, loucos de Deus e da Natureza, como Francisco d'Assis, vingadores como Dante, caprichosos como o Ariosto, epicos como o Tasso, amourosos como Petrarca; de fortes como Miguel Angelo; de graciosos e exuberantes como o Sanzio; de universal como Leonardo; de filagranador como Benvenuto; de ricos de temperamento como Veroneso! Então, — coroando o *Resurgimento* moderno, que abre com Verdi e se continúa com Salvini e a Ristori — appareceu a Duse e gravou, com o seu genio, esse nome que para sempre refulgirá na historia da arte, na Italia; porque, quando um dia tiver emmudecido a sua voz, as gerações transmittirão umas ás outras, encantadas e saudosas, o êcco das suas palavras, as emoções intimas que ella fez sentir.

Abençoada, pois, sejas tu, mulher privilegiada; e que aos pés de tua filha se espalhem tantas felicidades, como de bravos e palmas tens provocado!

LINO D'ASSUMPÇÃO.

DUSE

O philosopho escreveu que a mulher não era nem anjo nem animal.

Se a Duse tivesse feito passar ante os seus olhos observadores as figuras de Cesarina, Mylla, Paula, Santuzza, Mirandolina, Lionnetta e Hedda qual seria, depois, a sua impressão?

Talvez a mesma que o nosso Diogo Bernardes tinha d'esse ente que,

*toda ave, toda fera e todo flôr,
de si suave cheiro derrama.*

E assim o pessimismo e a poesia, congruados, descreveriam o estado d'anima do espectador que, vindo representar a actriz, não sabe se effectivamente vê um mysto de ave, flôr e fera, mas sim uma Mulher, que de si suave cheiro derrama...

José PARMEIDA.



A Duse



LEONORA Duse é uma mulher de quarenta annos, magra quanto se pôde ser no ponto em que a saúde, por demasiado melindrosa, attraição já latente um mal minante — longa de membros, linear, sem aneas, insexual de seios, e com uma cara, onde, á parte um queixito de rabeça, nenhuma linha d'aresta lhe nobilita e accentua a mascara dramatica. O olhar porém, celeste e interminado de raio, como o das pessoas sósinhas que tem passado a vida a contemplar, o olhar tem a realceza magnifica do genio, essa profundidade morbida da ideia que espiritalisa as faces mais inertes, e deixa cahir olympicamente a seducção.

Tem quasi sempre a tinta pallida, a pelle um pouco morta, os olhos fundos; e para mimar paixões de ebanura intensa, nem sempre adoptaveis ao constructus d'uma physionomia sem linhas dominantes, creou um fascio secuico, pessoal, que occulta o mim e impõe o prestimoso — d'onde caprichos de jogo preponderantes no computo final da sua aureola.

A voz, de folego curto (d'ahi a dicção cortada, a par do gesto neuropathia), e o som fallado das larynges estragadas, tem todavia um encanto supremo nos meos tons labiaes da carieia murmurante, quente na confidencia, e estrugindo, pela meia rouquidão, diabolicamente, nos accents da raiva e da maldade. A vida de espirito só, parece immensa, divinamente disposta a violação de todos os meos termos da expressão, e sobrepassando na altura dos mais altos genios tragicos. Deve ser uma supper-nervosa com todos os martyrios da sua tara espinhal e cerebral, de uma sensibilidade estranha e adivinhante, mortalmente desconnexa fóra da illusão gloriosa do theatro, d'uma altivez de princeza, serpentina, espargindo fluidos telepathicos, e perpetuamente vergada ao tormento de fazer viver, morrendo aos poucos, como esses sous que alumiam, fertilisam, e dentro do coração so tem lavas.

Quem uma vez a esenta, não pôde mais furtar-se ao mysterioso sortilegio; para poetas que como nós nunea mais tornario a vél-a, essa recordação ficará como uma das coisas doces e amargas da cerebralidade artistica moderna, feita de sonho, duvida, mysticismo e perversão.

Eleonora Duse pertence, como o grande Novelli, á escola criminalista italiana, que na modelação exterior tão insinuantes acquisições serve ao theatro, e do coração do qual tarde ou cedo brotará uma litteratura poderosa, reveladora, naturalista e psicologica a um tempo, quando as doutrinas lombrosistas, ferrieristas, moréllistas, sabindo da rigidez dos tratados, alagarem completamente as bellas artes, desenvolvendo e fixando, nos romances e nos dramas, em cada figura viva, consoante a intensidade e a estranheza, o respectivo typo hospitalar.

Pela educação litteraria porém, Eleonora Duse é franceza, com um jogo scenico francez, predilecções por peças francezas, e d'uma identificação d'educação e caracter taes com Sarah Bernhardt, ao contrario do

que por ali parvejam, que as duas grandes mulheres se parecem como gêmeas do mesmo leite, embora dessemelhando-se na criação, como genios autonomos que esculpissem, com a mesma genuinidade de meos, estatuas diferentes.

Nem d'outra coisa provém a sympathia carinhosa de Paris por esta parisiense italiana, cuja celebridade, n'aquella eloqua-cerebro do mundo, deriva das exaltações de Dumas filho no prefacio da *Baydad*, e de ser a Duse a mais alta expressão da supremacia dramatica franceza, que até em Italia, patria da arte, enfioresee e anima d'aquellas grandes flôres...

FIALDO D'ALMEIDA.



NUNCA porventura artista algum dramatico teve tão presente como a Duse o preceito do velho Horacio: *Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi*. Por mim, tenho a agradecer-lhe — e com que effusão! — o ter ainda conseguido embaciar os meus olhos, tão afeitos ao triste spectaculo da miseria humana, supplantar os meus frios propositos de analyse critica por alguma cousa que é mais do que a admiração entusiastica, traduzida em exclamações phreneticas — a funda commoção que embarga a voz na garganta e alaga a alma inteira n'uma suave e divina melancholia... Podesse ella distinguir, no meio da multidão que a admira, uma só d'essas gotas estilladas ao calor do seu genial talento! Hoje, que tão malbaratados andam os epithetos encomiasticos, só n'elle encontraria toda a eloquencia do meu sentir. Ah! doces e consoladoras lagrimas, evocadas pelo genio artistico! Tivesse eu a magia de as transformar em perolas! Que mais refulgente diadema poderia offertar-se á grande actriz!

Abril, 19, 1898.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



A ELEONORA DUSE

ARTISTA, rappresentando il bello dell'arte, crea il tipo fantastico con la forza della sua immaginazione e quindi estrinsecamente lo riproduce.

Laddove lo spettatore, o l'uditore, procede a rovescio, passa, cioè, dalla contemplazione della cosa prodotta all'immaginazione e al concetto della mente.

L'artista, dopo una grande commozione, produce un lavoro, e lo spettatore, o l'uditore, dopo aver veduto o sentito quel lavoro, prova la stessa commozione con ordine inverso.

L'artista prima vede il fine, poi trova e adopera i mezzi, mentre lo spettatore, o l'uditore, dai mezzi é condotto alla contemplazione del fine.

Non c'è arte senza artificio.

La perfezione artistica esiste nella forma di nascondere l'artificio agli occhi del spettatore, consistendo questo artificio: Nel saper preparare l'uditore a ricevere una data sensazione coll'excitare in lui il desiderio di riceverla di nuovo; nel prolungargli a forza di graziosi inganni questo desiderio e nel sod-

disfarglielo, quando é arrivato alla sua maggiore intensità; nel mostrarsi ingenuo con effetti semplicissimi da doversi poi ingrandire con bene adoperati mezzi; nel procacciarsi l'attenzione degli spettatori col crescer sempre di forza la dimostrazione dell'arte; nel prepararare, alla fine, un colpo piacevole, che lasci non solo soddisfatto, ma quasi estatico il publico.

1898.

A. DEARTE.



O PROBLEMA

Os mestres e críticos da arte de representar, com excepção talvez de Febvre quando falla de Frederico Lemaître, dizem, e já Diderot o escreveu também ha mais de um seculo, que, no tablado, quem sente não faz sentir, quem chora não faz chorar.

Mas — observar-me-hão — a Duse, como todos vêem, sente e faz sentir, chora e faz chorar.

Resta saber se a grande actriz italiana, á força de arte, merecê do seu luminoso talento e de um temperamento especialissimo, não faz suppor que sente as paixões dos diferentes personagens que representa, sem os sentir, não parece que chora sem chorar. Porque, derramar lagrimas nem sempre é chorar, na acceção genuína da palavra; e todos sabem como a mulher possui o dom particular de as verter pelos motivos mais frivolos, e até quando precisa recorreer a esse torante expediente para conseguir os seus fins.

Portanto, pergunta-se, quem tem razão? — os mestres que dizem que, na scena, quem sente não faz sentir, quem chora não faz chorar, ou os que affirmam que se pode sentir fazendo sentir, que se pode chorar fazendo chorar?

Esco il problema.

RANGEL DE LIMA.



A Eleonora Duse

PARA o grande festival convíte me trouxeram. A' pressa reuni meus homens d'armas, galantes cavalleiros, formosas amazonas, pagens e trovadores, e algumas charamellas.

Brocados de alto preço, de seda e pedrarias, enverguel n'este meu corpo; annellei meus cabellos, perfumei-me de essencias e mandei chegar á porta meu carro de esmeraldas.

Satisfeito e lindo, lindo como os amores, disposto me senti a ir ajoelhar-me aos vossos pés, Senhora.

Quantas coisas sonhei dizer-vos, mal pensais. . .

Adjectivos cobertos de pompas reluzentes e phrasas decotadas em voluptuosas tunicas, iriam, dando o braço, em doida farandola, cantar-vos junto á orelha meu culto fervoroso.

Já do meu sequito avançavam os vates sorridentes, afinando as suas guitarras de ouro, para acompanhar meu hymno; e toda a corte e o mundo, anciosos, aguardavam que eu soltasse as primeiras notas.

Tres vezes fui mirar-me, ao espelho, envaidecido. Jamais por essas terras, jamais por esses mares, figura, tão gentil, pessoa alguma vira.

Metti-me no meu carro, meus homens desfraldaram flammulas e estandartes: em corcovas febris galopavam seus corceis. . . E as amazonas sorriam e meus trovadores vibravam musicas divinas, musicas celestes, que faziam valsar os anjos rechonchudos, como as meninas do meu paiz valsam também ao som das valsas do Fabião.

Era magestoso o prestito. Photographos e reporters corriam de toda a parte. E nas sacadas floriam rostinhos femeninos, risadas mil trinando de amor e de cubiça.

Chegado, porem, que eu fui á vossa torre eburnea, duas pancadas epenicadas mandei aos meus arautos bater á vossa porta.

Mas logo que á vidraça vos vi apparecer a perguntar — quem é? —, senti que a minha fronte esfriava

como o marmore, que as minhas lindas pernas tremiam como varas e que o cerebro meu por completo se paralytava.

Coragem, coragem, que prenda tão bonita para tuas occasiões. . .

Banalidades ócas bailavam nos meus labios para vos dizer. . . Senti-me envergonhado. Curvei-me respeitoso. . . (a curva não foi má) e vim, de retirada, sem mesmo me atrever a vossa mão beijar.

Perdoai, perdoai, ó cara Eleonora, se, n'este festival de grandes alegrias, a minha voz fallece e. . . não vos digo nada.

C. DE MOURA CABRAL



MECIDA em nervos, complicada como um romance dos Goncourts, a Duse consegue pela simplicidade elevar-se ás altas manifestações do genio grego.

É que entre os hellenos, d'uma serenidade de deuses, a formula da arte era a simplicidade.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS



Notas de um leigo

Abril de 98.

. . . Mas o que devo pensar? o que posso dizer que não seja banal?

A Duse é mais e melhor que uma grande comediante: é a expressão vivida da arte mesma. Não se fez; nasceu assim dotada, parece cumprir um destino superior. Não pôde ser omnimoda a sua arte, porque não é impessoal. Todo o seu organismo material vibra, sente, agita-se na encarnação dos personagens.

Isto não é compativel com o formalista convencionalismo necessario á exhibição d'aquelles sentimentos poderosos que fazem o fundo da tragedia classica.

A Duse é uma artista excepcionalmente dotada para comprehender e realizar a moderna litteratura dramatica. É um ser complicado para uma arte delicada como uma filigrana. Tem um espirito culto e, porque tem talento, adivinha o que não sabe.

É melhor? é peor? Não pôde ser comparada, porque a sua maneira artistica é só sua e não deriva de escola alguma.

Só poderia ser de outra que reuna, como ella, tão complexas condições. Essa, quando vier, não será melhor nem peor, será a reviviscencia de um genero d'arte que por enquanto parece destinado a extinguir-se com a Duse.

É o que penso. . . o que não quer dizer que outros não pensem melhor e de modo differente.

J. AZEVEDO CASTELLO BRANCO.



A DUSE

« . . . A impressão que deixa a Duse é d'estas que se não esquecem na vida, tamanho é o seu talento.»

JOSÉ MARIA D'ALPOIM.

O Assombro

QUIVE occasião de admirar a velha Ristori, e conservo ainda bem viva, a impressão profundissima, que me causou a representação da morte d'essa terrivel hysterica, que se chamou *Isabel de Inglaterra*; por mais de uma vez me tem maravilhado o encanto de dicção d'esse bello e glorioso talento de Bartet, a societaria da *Comédie française*; não raro me tem sido proporcionado o incomparavel prazer de applaudir o espirito da mais completa actriz de comedia moderna, que se chama Réjane; ainda, ha pouco, tive ensejo de medir a grandeza épica, se me é permittida a phrase, de Sarah Bernhardt, a sublime tragica, na *Cidade Morta* de Gabriel d'Annunzio; mas confesso, que nunca a minha alma vibrou, tão intensamente, como n'estas ultimas noites ao ouvir a Duse.

Foi como um raio de luz, que inundou todo o meu sêr e o ergueu ás regiões serenas e puras da arte, da poesia e do amor.

MAGALHÃES LIMA.



DEUS — DUSE

Deus consagrou a emprestando-lhe as letras do seu nome — Duse.

LORIO TAVARES.



NA Arte, quando forte, fina e superior — a *Simplicidade* resulta sempre d'um violento, quasi doloroso esforço. Não se coordena com clara elegancia uma Concepção, não se attinge a uma Expressão facil, concisa e harmoniosa, sem longas, tumultuarias luctas em que arquejam junctos Espirito e Vontade.

E assim é na Natureza. . .
O que ella nos offerece de mais simples, uma linha d'horizonte, bem unida e lisa, esconde um revoltó infinito de forças e formas. E ha mundos tenebrosos na agua mais limpida.

Lisboa, 23 Abril.

EÇA DE QUEIROZ.



QUOS nossos antigos frades escreveram volumosos tratados para demonstrar qualquer these paradoxal, qualquer proposição excentrica e subtil.

Dá-me a Duse a impressão de ser uma d'essas disertações fradescas, que chegavam a causar assombro pela crudicção que fortalecia os argumentos.

De paiz em paiz, de triumpho em triumpho, ella parece andar demonstrando que ha uma coisa ainda mais bella do que a belleza: o talento.

Pois não é verdade que, vendo-a e ouvindo-a, não haveria dama formosa que duvidasse trocar a sua formosura pelo talento d'ella? Pois não é verdade que a mais bella mulher do mundo quereria quebrar o seu proprio espelho, para conquistar o direito a fazer-se admirar e applaudir tanto como a Duse?

É que esta extraordinaria actriz é grande e notavel entre todas as pessoas, de um e outro sexo, que por qualquer titulo sejam notaveis e grandes.

Resuscitemos Pasteur e Littré, Lesseps e Renan, Victor Hugo e Alexandre Herculano, punhamol-os muito bem sentados na platea do theatro D. Amelia, façamol-os applaudir a Duse com delirio, e digam-me depois se todos elles, os grandes e notaveis, ficariam amesquinhadós na sua gloria por haverem encontrado uma artista que lhes parecera maior do que a propria sombra d'elles. . .

Chega a fazer pena que o Santo Padre Leão XIII, que certamente deixa o seu nome ligado ao seculo, não possa sair do Vaticano para ver representar a Duse.

Porque nem Sua Santidade pode fazer idéa exata da altura a que no seu tempo chegou a arte dramatica, nem a Duse pode receber a consagração da benção apostolica, unica talvez que lhe falta.

Lisboa — abril — 1898.

ALBERTO PIMENTEL.



HA arte que idealisa a natureza, que nos levanta da terra ás regiões d'um mundo desconhecido; a arte que, por assim dizermos, doira, amplia, vaporisa os sentimentos, os faz ver a uma luz quasi celeste, como n'um limbo da alvorada, se são bons, ou os engrandece e os deformisa até ao horrivel, se são máus.

Ha, porém, a arte que não necessita sair da natureza para se mostrar na plenitude das suas bellezas ou dos seus horrores; a arte, que é a natureza mesmo, que é a nossa vida de cada momento, com as suas luctas e os seus triumphos, as suas esperanças e os seus desalentos, as suas alegrias e as suas torturas.

Esta é a arte da Duse — a grande, a sublime Duse; a *seule de son espèce* pelo temperamento e pela cultura.

Com a sua compleição delicada: com a sua nevrose intensa; com a sua voz que é uma musica, mas onde a colera põe por vezes sons roucos e estridentes; com o seu fluido magnetico, que se infiltra em nós como um veneno; com a sua arte nativa, tão poderosa e dominante, Duse é a encarnação da verdade no theatro! As suas creações *vividas* sobre o palco, com a intensidade com que na vida real ella tem sentido as verdadeiras dores e as verdadeiras alegrias, commovem-nos até ás raizes mais profundas do nosso ser, porque são humanas! Cada epocha, e em cada ramo da actividade esthetica, ha um grande artista que representa o momento social que declina rapido na successão dos tempos. Duse é a sublime artista dramatica que admiravelmente caracteriza este momento doentio, desequilibrado, nevrotico, por tantas formas extranho, que a humanidade atravessa.

Vel-a representar, é sentirmos em convulsa agitação, cá dentro, os nossos nervos, a nossa carne, o nosso sangue, a nossa vida inteira!

CHRISTOVAM AYRES



NÃO pôde haver maior consolação para o espirito que ver a artista excepcional.

Representar? Não: vêr a Duse viver os seus papeis. Porque esta extraordinaria mulher fez da arte uma coisa nova: fez da arte a vida. O que a arte fazia até aqui era interpretar a vida, traduzil-a, represental-a. Ella vive-a. Ella chora, soffre, córa, empallidece. Nos outros grandes artistas, a arte é servida pela intelligencia, pela observação, pelo estudo.

Na Duse ha tudo isto n'uma sabia proporção, mas o facto principal que entra em pro-

A Duse

ducto da sua arte são os nervos. D'ahi essa sensibilidade que não é affectada, essas lagrimas que não são fingidas, esses efeitos que nos subjagam e empolgam, sem que a artista ponha um unico *truc*, ao serviço d'elles. D'ahi o supremo encanto de a ver entregue de corpo e alma ao personagem que encarna e que nos dá uma impressão superior ao de ter sido creado para ella, a impressão unica de ter sido creado por ella.

Quando se faz arte com tal poder e com tal grandeza, a *empreinte* do genio deixa de ser uma phrase para ser um facto e torna-se difficil apurar onde existe collaboração mais poderosa, se no auctor se no artista. E' que n'esta mulher sublime vive e palpita o genio da arte.

JAYME VICTOR.



Madrigal á Duse

Jóias, versos, flôres, palmas,
Julgamos tudo mesquinho,
Para juncar o caminho
D'essa rainha das almas;
E porque não encontramos
Na terra nada que preste,
Dae-lhe vós jóias e ramos,
Anjos da côrte celeste!

P. S.

Senhora, eu quero dizer-vos,
Jurar-vos por minha vida;
Que só de ouvir-vos e ver-vos
Eu traço a alma dorida
E fatigados os nervos!

MACEDO PAPANÇA.
(Conde de Monsaraç.)



A ARTE, luz a que nos vimos aquecer, cisterna onde nos vimos dessedentar.

Como a definição é verdadeira agora!

Não se fazem criticas á Duse; devem-se-lhe compôr hymnos de alegria e de gratidão, dirigir-lhe orações feitas de meia duzia de palavras simples, balbuciadas em extasis, como as d'um pastor de charneca atabobado ás visões brancas que correm entre os troncos dos sobreiros em noites de luar.

Deve homem tão só dizer-lhe que é feliz quando a escuta, que ella acorda-lhe em recantos da alma ignorados um sentir novo, que lhe deu um delicioso, desconhecido *calafrio*. E não queira saber porquê; alegre-se com guardar a lembrança immarcescível do contentamento, mais feliz que os mais dos hypnotisados.

Toda ella é feita de subtilezas e mysterios, e o seu encanto é seu segredo. Soube no real encontrar o que n'elle havia de poetico, e dá-nos a verdade sempre, nunca a vulgaridade, a banalidade nunca.

Não se fazem criticas á Duse, nem seu trabalho se descreve. Quem pôde definir um perfume, que este seja sabiamente complicado como as essencias modernas tão preferidas das histericas, ou seja de simples flores, cravos, rosas, baunilhas, lucia-lima, aromas queridos das nossas avós, suavissimos em sua simplicidade, e de que o theatro parecia todo cheio n'aquella noite da *Locandiera*?

JOÃO DA CAMARA.

A DUSE

DIFFICIL é dissentir serenamente a artista, como é difficil definir a mulher.

Duse é um estudo *physiologico* complexo.

Uma intelligencia aguda, creadora; uma sensibilidade colossal, exquisita, empolgante; um temperamento radical e finamente nervoso; — são os parâmetros d'esta equação feminina.

Vivendo exclusivamente do theatro e para o theatro, apaixonando-se pelos personagens, que representa, até ás lagrimas, até á honcura, a sua compleição artistica determina, muitas vezes, um despreendimento de formulas convencionaes.

Desde que a sua perspicaz e lucida intelligencia corporiza a concepção, os impetos fogosos do seu temperamento elevam-na para cima de todos os artificios; não são os preccitos especiosos da arte, que ella respeita; não cabe tal dominio na independencia soberana do seu genio.

Escravisa-se pelo sentimento, mas revolta-se contra estreitas combinações theoricas.

Não se submette; collabora, emenda, eria. O seu trabalho é consciante, sentido. A simplicidade, o seu precioso segredo, o seu poderoso attractivo.

É por isso que Duse se impõe ao publico e á critica, convencendo e deslumbrando.

Aos que pretendem notar-lhe defeitos, obriga-os ella a commover com as suas lagrimas e a chorar com as suas paixões.

Desforça-se assim, nobremente, da fraqueza d'estes admiradores convertidos.

JOAQUIM TELLO.



A Duse na «Mulher de Claudio»

Que a viram e ouviram hontem no theatro D. Amelia, ficaram surprehendidos por certo, pois o seu applauso entusiastico bem sublinhava a surpresa, de que houvesse uma actriz que podesse, não sómente tirar partido, mas fazer uma criação maravilhosa d'esse papel mais falso, mais ingrato e mais vasio!

Que admiravel força de transformação pôde communicar uma artista genial até ao que então julgamos não existir senão em phantasia.

Quando findou aquelle memoravel segundo acto, o publico ficou-se extatico. E do seu, do nosso extasis, parece que se evolara a figura da actriz e a do proprio personagem para dar logar á mais extranha visão da maldade, da perlidia e da seducção, á qual a arte da interprete restituia, em uma synthese magnifica, a sua terrivel universalidade.

L. MANO.



Eleonora Duse

RECORDAÇÃO d'esta grande Mulher ha de ficar sagrada no sanctuario da nossa memoria, junto das recordações mais queridas, e de que religiosamente nos lembramos.

Do mesmo modo que, por mais que avancemos em idade, não esquecem o Padre Nosso, a Ave Maria e a Salve Rainha, que nos ensinaram em pequenos,

havemos de conservar bem vivas *A mulher de Claudio*, *A segunda mulher de Tanqueray*, a *Magda*, a *Dama das Camélias*, a *Santuzza*, todo esse rosario de orações artisticas, que os nossos ouvidos receberam e o nosso coração guardou!

Superior gloria a sua, que vem toda da sinceridade e do sentimento! Porque é bem maior a difficuldade de triumphar só com o auxilio do espirito e da natureza, do que por meio de atavios, que ornamentem ideias e situações por mais simples. Em ambos os processos a arte se manifesta, é certo; mas a differença d'um a outro é a que vae do raio que fulmina ao relampago que apenas deslumbra!

E toda a grandeza da sua obra vem de que a subjugua um sentimento elevado, e de que a move uma força divina! o sentimento que a subjugua é o respeito fanatico pela verdade, não lhe permitindo falseal-a para que o effeito tome maior brilho. A força que a move é a força da alma, que vence a do engenho, estreitando-lhe os limites, e lhe imprime tal sinceridade ao trabalho, que este vae gravar-se mais no coração que no olhar do espectador.

Tanta alma encerra esta poderosa criação de Deus, que, se Prometheu a tivera por collaboradora, não precisaria, incorrendo no castigo divino, d'ir arrebatat o fogo celeste para animar a sua estatua! Ella, por si só, seria capaz de insuflar vida ao lodo, e de formar um novo mundo!

Tanto mais que eu estou convencido de que Duse... é o feminino de Deus!

Lisboa, 20-4-98.

EDUARDO SCHWABACH.

A DUSE

SOBREHUMANA, por tal fórma ella humanisa os personagens; sobrenatural á força de naturalidade—Eleonora Duse obtem com a sua arte o que o artificio não pode produzir: a illusão completa da vida e o *maximum* da emoção.

Quando a maravilhosa, a incomparavel actriz subjugua ou arrebatava as platéas, não é só ella que triumphava, pelo seu genio, pelos seus extraordinarios dotes e pelo seu profundo estudo do coração humano: é tambem a Verdade, isto é, a Grande Arte que se impõe.

V. DE S. BOAVENTURA.

Ponha-se um esquimau, um botocudo, um pelle vermelha, um polynésio, um neo-caledonio, em frente da *Giocunda*, da *Transfiguração* ou do *Juro final*, e nenhum d'esses selvagens, que no fim de contas são creaturas humanas, com os olhos tão bem ou melhor conformados que os nossos, experimentará commoção alguma, a não ser a de um certo espanto, ao ver perdida n'uma tela morta a tinta com que alguns d'elles aformoseariam tantos narizes e tantos ventres vivos.

Façam ouvir uma symphonia de Beethoven ou de Wagner a um negro da Africa central, e elle perceberá apenas que as nossas orchestras conseguiram fazer mais alguma bulha que as d'elle.

O artista não tem que preoccupar-se senão de ser absolutamente sincero na sua fidelidade á natureza, e de ser o mais completamente perfeito no seu processo de exprimir as apparencias da verdade.

Para que a arte viva na admiração e se mantenha no respeito dos homens, é preciso, primeiro que tudo, que ella seja honesta, isto é que seja veridica.

(Das *Farpas*.)

RAMALHO ORTIGÃO.

MAGDA, quando se vê surgir entre os hombraes da porta a estatura dominante e inflexivel da insigne actriz, é grande já a anciedade na platéa. Entra, simples, com uma naturalidade que causa indefinivel impressão; sem proferir uma unica palavra, o seu olhar descreve todo, um poema de sensações; a nossa vista fixa-se n'ella, acaricia-lhe as linhas vaporosas do corpo, estuda-lhe a physionomia, demora-se na contemplação d'aquellas feições irregulares, atlega-lhe a mancha grisalha do cabello, crava-se-lhe nos olhos, d'onde nunca mais se aparta, seguindo as scintillações extranhas que jorram n'uma vertigem de emoções; o ouvido recebe com surpresa, a começo, aquelle timbre especial, fraco, o modular da phrase singela, a interjeição curta; e a voz, pouco a pouco, n'uma poderosa suggestão, transforma-se n'um cantico, enche-nos de melodias, de notas que nos embalam, que nos sacodem, que dão a impressão nitida, vigorosa, do odio, do cainho, da indignação, que nos produzem calafrios e nos alheiam de nos proprios.»

EDUARDO DE NORONHA.

QUANDO Ella n'um impeto de inflexões intraduziveis exclama na *Magda*:... *perché io sono io*... — que a mediocridade do meio aonde volta não logra comprehender — dá a definição unica que da sua individualidade artistica é licito á critica acceitar.

Esta individualidade não é apenas interessante, sob o ponto de vista puramente esthetico, quaesquer que sejam os deslumbramentos com que a Duse, pela *mancira* de realisar o ideal scenico, cerca as suas inolvidaveis creações. Ha ali, com effeito, ao lado da arte impeccavel e inexcedivel que attinge a suprema perfeição da fórma, intenso processo psychologico, até hoje sem par entre os grandes artistas que tem pisado o palco — a auto-suggestão do personagem representado, a sua evocação á vida *real* por verdadeiros desdobramentos de personalidade, que permitem á genial actriz viver alternadamente a existencia das heroínas, em que se encarna, fazendo-nos assistir commovidos e anciosos ás torturas moraes de uma Cesarina, de uma Magda, de uma Paula, de uma Margarida Gauthier, de uma Santuzza, de todas essas desgraçadas mulheres, emfim, cujas angustias somos forçados a sentir mão grado nosso, e em cuja realidade passamos a acreditar depois que diante de nós as vimos amar e soffrer com a grande artista!

Lisboa, 20 d'abril de 1898.

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

Na Mulher de Claudio

Longo na primeira scena da obra de Alexandre Dumas se revela a grandeza do talento de Eleonora Duse, que tem o poder magico de attingir a perfeição ideal em todas as suas creações. Vê-se que surge *alguem*, quando Cesarina regressa de madrugada ao domicilio conjugal, apoz tres mezes de ausencia, envolta n'uma capa negra, o olhar illuminado e faiscante, o rosto accusando, claramente, a perturbacão, a fadiga, a loucura, o desvario de esses dias passados em contacto permanente com o vicio. É uma appareição que esnaga e subjugua, ao mesmo tempo pelo poderoso realismo que a reveste e pela impeccavel sobriedade com que é feita. Estremece-se, ao vel-a. A impressão é immediata e forte e a synthese cruel da peça de Dumas apparece, nitidamente, gravada no desenho irreprehensivel d'aquella mulher de lama, que a *femme de*

chambre recebe com a mais insolente das familiaridades, trahindo uma empulicidade impudente e vergonhosa.

Um verdadeiro encanto toda essa scena, caracterizada pela maior naturalidade que se pôde attingir em theatro. Nem uma *feulle*, nem o mais leve artificio. A verdade pura e donadora, a verdade em toda a sua nudez, desde o jogo physionomico até a maneira de pisar a scena, desde a precisão do gesto até a forma de *dizer*. A forma de *dizer*! As nossas palavras não podem dar uma idéa approximada do que seja a dicção da Duse. É preciso ouvir-a, n'uma peça moderna como a *Mulher de Claudio*, onde não há o sentimento heroico das grandes tragedias antigas, e onde a artista não tem que se preocupar com o estudo raciocinado do *movimento geral*, do *tom* e do *rythmo*, que nos legou a tradição do repertorio classico.

MELLO BARRETO.



Eleonora Duse

(SOBRE O JOELHO)

Eleonora Duse é, sem contestação, a primeira atriz do seu tempo; porque ella tem pelos seus nervos e pelo seu estudo, a faculdade de mostrar com a maior *somma* de verdade a mulher d'hoje. Quando digo a mulher d'hoje quero dizer essa mulher que nós cremos com a nossa litteratura obscena, com o theatro indecente, com a musica livre, com o telegrapho, com o comboio, com o vapor, com o derramamento da sciencia em cabeças fracas ou rudes, com o ensino obrigatorio, o suffragio universal, a egualdade, a fraternidade, o altruismo, a democracia, os direitos da mulher... toda essa lugigangada de lerias e de coisas, que constitue a civilisação moderna, a mais artificial, a mais vil, a mais pitta de todas as civilisações.

E, como tudo corrompemos do que era velho e bom, na nacia frivola da novidade, na inconsciencia dos annos, arrancamos a mulher á paz santa do gymneceu, ao mister religiosamente sagrado, calmo, da maternidade e desandamos a andar com ella, de braço dado, pelas vielas do convívio facil, pelos postibulos dos theatros, pelas feiras dos bailes. Prostituímos-lhe o corpo, deturpando-lhe os bellas fins naturaes, divinizando-o nos íntimos ardôres da lascivia commun. A Venus Pudica, fizemos succeder a Venus Astorcia. A prostituição do corpo e da alma conjugam-se. Esse organismo precioso, a ultima palavra da garcilidade e da delicadeza na sensibilidade da serie animal, feito para ser vibrado por Deuses, magoou-se, torturou-se, adoeceu, corrompeu-se, na mão grosseira do selvagem do seculo XIX, que usa *smoking's* em vez de albardas e conseguiu na suprema idealisação da esthetica, ser — pelo velocipedo — cavallo de si proprio.

Esta mulher, producto patologico d'uma civilisação de-cardentissima, meia inconsciente, na perversão, como no amor, como na odio, ser lamentavel e asquerosa, por vezes o mais vil da escola, por vezes o mais sublime da especie, espirito travado de lagrimas e de suores d'agonias, de canticos, de deslumbraimentos, de luz d'illuminações e de negrimes de loucura, esta mulher uenhuma artista a fez mais claramente viver atravez da sua arte do que Eleonora Duse.

Elle fez a *Mulher de Claudio*, creação maravilhosa pelo poder do sentimento e de arte até hoje inegualado.

Vê-se, não se desereve.

Honore l'allissima comediant!

MARCELLINO MESQUITA.



Não sei de jubilo maior para o auctor dramatico, do que o vêr, na scena, um grande artista dar a forma, o colorido, o relevo, a vida á personagem que elle idealisou.

Alexandre Dumas, filio, teve os applausos da multidão e os louvores da critica; mas quiz a sorte cruel privar-o do inefavel gozo de vêr Eleonora Duse interpretar *Marguerite Gauthier*, *Cezarine* e *Denise*, transmitindo a sua alma á alma dos espectadores, fazendo-os sentir o seu amor, a sua piedade, a sua alegria e a sua tristeza!...

Que privilegiado talento o d'esta incomparavel atriz para representar a verdade!

ALBERTO BRAGA.



Um de joelhos as mãos abencoadas da incomparavel artista, saudando-a pela bocca de Gabriel e d'Annunzio: — *Voi che passate, voi siete l'Ecceisa.*

GUALDINO GOMES.



ELEONORA DUSE

A empresa do Theatro D. Amélia, como significativa e inolvidavel homenagem ao genio de Eleonora Duse, resolveu commemorar a sua triumphante e gloriosa passagem por Lisboa, collocando no *Foyer* do seu theatro, uma lapide commemorativa, em marmore rosa, com a seguinte inscripção gravada em letras de ouro:

ELEONORA DUSE

12 de abril de 1898

A empresa conseguiu finalmente, e depois de tantas tentativas frustradas, realisar a sua suprema aspiração, trazendo a Lisboa a genial atriz **Eleonora Duse**, cujo nome significa para a arte universal uma das suas mais fulgentes glorias, — d'essas que, de seculo a seculo, Deus envia á terra para ennobrecer e elevar a humanidade, e como demonstração sublime da sua omnipotencia!

A EMPRESA DO THEATRO D. AMELIA.

Pegs que a grande atriz representou em Lisboa, no theatro D. Amélia, e as datas dos espectaculos:

12 de Abril	<i>A mulher de Claudio.</i>
14	" <i>Magdá.</i>
15	" <i>A segunda mulher de Tanqueray.</i>
17	" <i>A dama das Camélias.</i>
19	" <i>Cavalleria Rusticana e Locandiera.</i>
20	" <i>Princesa de Bagdad.</i>
22	" <i>Hodda Gabler.</i>
24	" <i>A dama das Camélias.</i>
25	" <i>Adriana Lecouvreur</i> (5.º acto) <i>A mulher de Claudio</i> (2.º acto).

AO EMPREZARIO DA DUSE, O SR. SCHURMANN

A empresa do theatro D. Amélia aproveita tambem o agradavel ensejo para agradecer ao Sr. Schurmann, o digno e intelligente empresario de Eleonora Duse, universalmente conhecido, a parte que lhe coube, em proporcionar-nos a desejada visita da grande atriz.

